

## O possível está feito, o impossível há de se fazer

---

Vim de Bissau com 7 anos de idade acompanhada com dois irmãos meus, uma tia e seus oito filhos. Para trás deixei a minha mãe e os meus outros dois irmãos. Não foi fácil a partida - são sentimentos que me marcam até aos dias de hoje, apesar de ter a consciência que foi para o meu bem.

Quando cheguei queria voltar logo. Mas como a família era grande e os meus primos eram da mesma faixa etária que eu, tornou-se mais fácil. Com o tempo fui-me adaptando, mas a falta da mãe estava lá todos os dias. Fui vivendo e acostumei-me. As respostas da ausência foram aparecendo, tornando difícil ser totalmente de cá e não pensar em Bissau, tenho lá a minha mãe e penso nisso sempre - é uma ligação muito forte.

A batalha começou: queria resolver-me rapidamente, fazer tudo certo para não desiludir os meus e então foquei-me em mim. Queria justificar a minha imigração e fazer tudo para não me arrepender, quando olhasse para trás – também por isso quando agarro os meus desafios agarro-os de verdade. Fiz a minha escolaridade toda em Portugal e acabei o 12ºano em 2005.

Com 12 anos comecei a praticar Atletismo num clube do bairro - Clube Recreativo União Raposense no Monte da Caparica, em Almada. Bati recordes do Distrito de Setúbal na área da velocidade e fui várias vezes Campeã Nacional do 400m livres até ao escalão sub-23. A prática desta modalidade deu-me a possibilidade de fazer parte da Equipa Nacional de Estafeta 4\*400 metros numa Competição Europeia e permitiu-me uma viagem ao Japão para uma competição. E também foi através do Atletismo que consegui a minha nacionalidade portuguesa.

Quando terminei o 12ºano entrei para a faculdade em Setúbal, só que a situação financeira na altura não me permitiu continuar a estudar, apesar de já na altura trabalhar em part-time no McDonalds. Já com 23 anos decidi ir para tropa, a pensar que lá conseguia acabar os estudos. Só que entrei para os Paraquedistas e a formação foi muito mais exigente do que podia imaginar. No meio de 60 homens que incorporaram na altura esta tropa especial, era a única mulher e apenas 20 de nós terminamos o curso, porque muitos foram desistindo.

Fiz nove meses de formação, a minha recruta, em Tancos e depois fui colocada em Tomar. Fiz duas missões no Kosovo e obtive dois louvores pelo meu desempenho e abnegação durante as missões. Na viagem da primeira missão para Kosovo estava apreensiva porque desconhecía a realidade do país, apesar do Briefing dado. Faltava-me o contacto com a realidade.

Depois de lá ter chegado foi muito mais tranquila do que pensei porque já não se viviam os tormentos mais acesos da guerra e, no momento, era um país muito mais calmo. A nossa função era fazer patrulhas porque Portugal era a reserva da KFOR (é uma força de paz internacional liderada pela OTAN, e responsável pelo estabelecimento de um ambiente

seguro no Kosovo). Antes de sermos chamados para alguma intervenção tínhamos as tropas de outros países à nossa frente (como a Alemanha, a França e a Itália).

Os meus camaradas ficaram chocados com a pobreza do país mas para mim aqueles modos de vida 'não faziam' muita confusão porque vim de um país muito mais pobre que o Kosovo - são realidades diferentes em relação à pobreza.

Aprendi a estar e a viver num espaço muito confinado e a ter poucos movimento, a lidar com mais pressão, com incertezas porque não sabíamos o que poderia acontecer no dia seguinte, e aumentei a minha capacidade de observação, concentrando-me em mim e no outro. Na vida militar amadureci e cresci muito, mas não consegui prosseguir os estudos devido à intensidade e exigência do meu trabalho e da instrução.

Saí da vida militar em 2015 e passei à situação de desempregada. Foi uma fase complicada e já estava a ficar preocupada. Mas sempre procurei estar ocupada. Comecei a mexer-me, a informar-me das formações e ia a tudo o que aparecia, até que descobri o CIOFE/Centro de Informação e Orientação para a Formação e o Emprego. É um centro ligado ao Ministério da Defesa que dá apoio aos militares e também tinha algumas formações. Até que acabei por entrar, através da medida CEI/Contrato Emprego-Inserção, na Câmara Municipal de Cascais.

Foi muito importante a minha entrada na CMC porque encontrei uma boa equipa, o meu chefe de serviço deu-me apoio, muita força, bons conselhos e motivação para não desistir - é tão bom termos alguém que nos olha e confia em nós sem nos conhecer e aceita-nos tal como somos e não vai à procura de um 'canudo'. Também tenho tido oportunidade de trabalhar com outra equipa e de me aproximar da intervenção social e da formação, áreas que quero seguir futuramente.

Voltar a investir na minha formação superior é o começo da realização do meu sonho. Estou a tirar uma licenciatura em Serviço Social que é uma área de que gosto porque sempre me preocupei com questões sociais e gosto de estar com pessoas e saber se posso fazer alguma coisa para ajudar e contribuir para o seu bem-estar social.

Quando terminar o meu curso gostaria muito de trabalhar na área. Mais, quando penso em Serviço Social penso em Bissau. Penso em fazer um trabalho de ligação entre Portugal e a Guiné Bissau - seria algo muito útil para um país que ainda está 'muito verde' em relação a essa profissão e acho que posso dar um grande contributo.

Enquanto estou a usufruir do subsídio de desemprego, a medida CEI tem-me ajudado nesse percurso pois mantém-me ocupada, integrada em contextos de trabalho onde posso aprender, tenho feito algum trabalho interessante e permitiu-me voltar a estudar. A minha prioridade será arranjar um trabalho em part-time e concluir o meu curso.

A.S.